



II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO 25 LITERATURA FEMININA E LGBTQI: POR UMA EST(ÉTICA) DAS VOZES INSURGENTES.

Coordenadores:

Cláudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP / IBILCE)

E-mail: cmcn@ibilce.unesp.br

Flávio Adriano Nantes (UFMS)

E-mail: fa.nantes@gmail.com

Corpos que não acordam: gênero e violência em *Perceforest* e *Hable com ella*.

Cláudia Maria Ceneviva Nigro (Livre-docente UNESP/IBILCE)

Se os primeiros contos populares e maravilhosos eram orais e seus arranjos passavam pelo crivo dos contadores de história, dar conta do percurso de um conto faz-se necessário? Sim, se o vemos como uma jornada rica por culturas e movimentações de saberes ao longo dos séculos, das guerras, das pestes, das raças, das classes e de tantas mudanças no real imaginário popular. Nossa proposta para esse trabalho será destacar uma pequena parte da história de *Perceforest*, narrada no século XIV, por volta de 1330, na Bretanha, e “ligada” ao ciclo de histórias do rei Arthur. Trata-se da história de um rei estabelecendo um reino com os mesmos propósitos de igualdade do reinado de Arthur. Em um dos episódios, intitulado “Histoire de Troilus et de Zellandine,” (Terceiro livro, Capítulo 36), uma das possíveis versões da Bela Adormecida, há uma estranha familiaridade com o filme do diretor espanhol Pedro Almodovar, intitulado *Hable con Ella*. A escolha do filme e da parte da história mencionada trazem discussões sobre intertextualidade, estupro, contos maravilhosos, etc., assentados em abordagens contemporâneas de gênero e estudos subalternos, fundamentais para termos consciência da construção hegemônica criada e reafirmada por séculos, produtora de violências naturalizadas e perpetuadas em forma de “amor”.

Palavras-chave: *Perceforest*; *Hable con Ella*; estupro; contos maravilhosos.

Seria Bembem um bagaxa?

Dorinaldo dos Santos Nascimento (Doutorando / UFU)

O conto de expressão homoerótica, *O menino do Gouveia* (1914), lançado pela primeira vez na revista carioca *Rio Nu* - publicação erótica em circulação desde 1898 -, tem sua autoria registrada sob o pseudônimo de Capadócio Maluco - escritor, narrador e personagem da história. É a ele, durante um encontro sexual, que Bembem, adolescente órfão de treze para catorze anos, conta sua história. Tangido na rua pelo tio, com quem morava até o momento em que o jovem o provoca sexualmente, perambula no Largo do Rocio, um famoso rendez vouz carioca onde homossexuais da época buscavam outros parceiros sexuais, tendo sua primeira relação sexual com um Gouveia, gíria em voga para referir-se ao homem mais velho que tinha interesse por rapazes. No desfecho do conto, sabemos que Bembem, após sua primeira incursão sexual, afirma ter transado com mais de quinhentos homens. Esse dado se coaduna a expressões utilizadas pelo narrador para referir-se a ele, tais como “puto matriculado”, “putíssimo rapaz”, “mão macia e profissional”, “bunda profissional”. Eis aí que nos afigura, analiticamente, o horizonte interpretativo. É justamente no âmbito da prostituição a visada interpretativa que proponho, neste trabalho. À luz de aportes teóricos dos estudos literários e culturais, pensarmos o personagem Bembem configurado sob a figura do “bagaxa” - denominação naquele período para homossexuais que se prostituíam -, assim como analisar as implicações dessa representação literária no entrecruzamento entre homoerotismo/prostituição no âmbito da escrita erótico-pornográfica.

Palavras-chave: Homorrepresentação literária; Prostituição; Primeiras décadas do século XX.

Negra e lésbica, vozes que existem.

Elis Ramos Moreira (Pós-Graduanda /UFJF)

O trabalho fundamenta-se nos conceitos propostos por Glissant (2005) acerca da visibilidade de vozes silenciadas e sujeitos periféricos. O autor martinicano ressalta o papel político do fazer literário e evoca a literatura como estratégia audaciosa de empoderamento de grupos historicamente marginalizados. Sendo assim, a obra poética não é somente a representação artística exaltadora do lirismo estético e das construções figurativas do texto. A linguagem da literatura atua como ferramenta política consciente e estruturada, capaz de expressar a relação de povos e da coletividade prática. Para tecer o diálogo com os conceitos propostos acima, o presente artigo parte da análise da obra poética “*Penetra-Fresta*” (2016), da escritora afro-lésbica Bárbara Esmenia. A obra escolhida permite repensar as questões pertinentes sobre a construção identitária do que é ser mulher, negra, latina, lésbica e trabalhadora no contexto do início do século XXI. A construção da sociedade brasileira ocorre a partir de pactos antipopulares e de um projeto de elitização para poucos e ausência e subalternização de muitos. O panorama nacional atual revela as profundas raízes de uma sociedade desigual, patriarcal e racista, na qual mulheres negras e lésbicas são constantemente destituídas de existência e agenciamento. Partindo desses pressupostos, a análise da obra referenciada atua de

forma a ressignificar e repensar o papel social do sujeito lésbico, dos feminismos e do empoderamento da mulher negra no século atual.

Palavras-chave: literatura, visibilidade, mulher, afro-lesbianidade.

O silenciamento e o extermínio do corpo em *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago
Flávio Adriano Nantes (Doutor/ UFMS)

Resumo: Num panorama global e quando observado em micro contextos, nota-se como determinados corpos, os considerados dissidentes, ainda não podem circular de modo democrático nos espaços público e privado. São considerados dissidentes aqueles corpos-sujeitos que subvertem a linearidade sexo-gênero-orientação e a partir dessa subversão ou desestabilização da linearidade as injúrias, os assédios, a violência física e/ou simbólica, são empreendidos e em última instância a eliminação letal do corpo. *Stella Manhattan*, romance de Silviano Santiago, publicado pela primeira vez em 1985 e passados mais de trinta anos (fim do passado 2017) sai uma nova edição com um prefácio esclarecedor acerca das questões de sexualidade e gênero dissidentes. A partir, então, da leitura do texto de Santiago verificar-se-á (não qualifiquem o presente trabalho pela mesóclise) como o corpo da personagem (ou personagens) Eduardo da Costa e Silva-Stella Manhattan circula em meio a Nova Iorque dos anos 1970 com uma forte perspectiva hegemônica do patriarcado e da compulsão da norma heterossexual; some-se a isso o auge do Aids e a questão de que o grande vetor da disseminação do vírus centra-se na figura do homossexual. A partir desses dados, elucidaremos como a personagem central passa por uma série de assédios, injúrias, violência, até que seu corpo é completamente silenciado-eliminado. A prática de silenciamento-eliminação em relação a determinados corpos, enquanto uma política de higienização social, ainda é vigente em muitas sociedades ao redor do mundo e a literatura, em muitos casos, numa perspectiva est(ética), coloca em evidência essa atrocidade em relação ao outro, como se observa no romance *Stella Manhattan*.

Palavras-chave: Dissidências de sexo e gênero; Literatura cuir; Silviano Santiago; *Stella Manhattan*.

Sentidos do corpo e espaços de resistência na literatura de Carmem Maria Machado
Isabella Santos Mundim (Doutora - IFB)

Este trabalho visa investigar a literatura de Carmem Maria Machado, autora norte-americana contemporânea cujo livro de estreia chega ao mercado em 2017. Trata-se, aqui, da antologia apropriadamente intitulada *Her Body and Other Parties*, composta de contos que centralizam os corpos gendrados e sexuados de personagens femininas as mais diversas. Jovens, de meia-idade, idosas; residentes de metrópole no presente ou de local distante no futuro distópico; mães, filhas, irmãs, esposas; vivas, moribundas, fantasmagóricas, as mulheres que a autora inventa, a quem ela confere presença e voz, ocupam as páginas para dizer, ao público-leitor, das experiências – múltiplas – de habitar um corpo feminino, a despeito da homogeneidade que o discurso patriarcal prescreve. Assim, em oito textos que, ora prestam-se a revisitar e reler narrativas de teor

tradicional, ora prestam-se a hibridizar e transformar modelos literários distintos, Machado inova no conteúdo e na forma, e desestabiliza entendimentos prévios sobre qual tipo de feminilidade cabe à literatura literária / literatura fantástica / literatura de horror representar. Para além disso, Machado, ao povoar sua ficção com mulheres que escapam da norma, inaugura espaços e tempos de resistência, comprometida com a construção de vivências femininas a partir do viés da diversidade, da margem e da exclusão.

Palavras-chave: literatura norte-americana contemporânea; Carmem Maria Machado; representações de corpo feminino na literatura.

“Tecnicamente bissexual”: a sexualidade em *Todos nós adorávamos caubóis*, de Carol Bensimon

Isadora Maria Santos Dias (Mestranda / UNB)

Ainda que sistematicamente apagada, a bissexualidade é uma orientação sexual possível. De acordo com Kenji Yoshino (2000), o chamado apagamento da bissexualidade se daria através de uma estrutura monossexual. Estrutura binária, que definiria a hetero e a homossexualidade como únicas sexualidades possíveis e opostas. A heterossexualidade é sinônimo de normalidade e padrão, e a homossexualidade sinônimo do anormal e abjeto. Assim, as representações e concepções da bissexualidade seriam constantemente ignoradas, reprimidas e/ou apagadas por uma sociedade ocidental hegemonicamente hetero e monossexual. Estudos atuais, como os de Robyn Ochs (2005), Elizabeth Sara Lewis (2012) e Shiri Eisner (2013), em geral produzidos pela própria comunidade bissexual, tem pensado a bissexualidade não somente a partir da psicologia e da medicina, mas sim como uma categoria histórica, política e culturalmente situada. Buscamos compreender e questionar as estruturas que invalidam monodissidências sexuais. Nesse sentido, este trabalho analisará como a bissexualidade é construída e representada no romance *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), de Carol Bensimon.

Palavras-chave: bissexualidade; representação; Carol Bensimon; Todos nós adorávamos caubóis;

Os lugares da homossexualidade no romance *Dancerfromthe dance*, de Andrew Holleran

Jefferson Martinelli de Oliveira (Bacharel e Licenciado em Letras / USP)

Em junho de 1969, as rebeliões de Stonewall em Nova York inauguraram um novo momento para a população LGBT e sua luta por direitos: quando comportamentos que fugissem da norma heterossexual vigente eram proibidos, frequentadores de um bar nova-iorquino rebelaram-se contra a polícia e se negaram à submissão a uma ordem que os oprimia diretamente. Conquistas econômicas, sociais e políticas foram feitas durante o período que se seguiu. Sob as possibilidades de uma nova realidade, como aponta Ken Plummer (1995), surgem novas narrativas que retratam a população gay. Neste contexto, é publicado o romance *Dancerfromthe dance* (1978), de Andrew Holleran, a partir do qual é possível entender o lugar que a homossexualidade toma para si – ou que

lhe é concedido – na sociedade norte-americana da época. Com base nos estudos de Eve Sedgwick (1990) a respeito da simbologia do armário e da discussão feita por Les Brooks (2009) sobre o referido romance, a apresentação visa mostrar de que maneira os locais da narrativa evidenciam os problemas que a homossexualidade encontrava em seu momento de aparente liberdade.

Palavras-chave: literatura gay; Estudos Queer; literatura norte-americana

Potências do feminismo em “Mulher no espelho” de Helena Parente Cunha
José Carlos de J. Lima (UNEB); Júlia Larissa de S. Novaes (UNEB); Narla A. Teixeira Pinheiro (UNEB); Simara Santos Jesus (UNEB).

A partir do século XX, entre a década de 60 e 80, a imagem tradicional da mulher passa a ser radicalmente questionada. O livro, em análise, é da década de 80, período em que as atenções para a conscientização feminina multiplicaram-se. Sabemos que a literatura traduz muito, do contexto em que está inserida, mudanças de seu tempo e do mundo como um todo. É dentro deste contexto que Helena Parente Cunha escreve *Mulher no Espelho*. Percebe-se que a personagem principal passa a cobrar de si mesma a interação para com o mundo e a partir do diálogo consigo mesma e com essa nova realidade, começa a desconstruir-se e construir sua identidade. As obras de Cunha proporcionam uma reflexão sobre o papel feminino na sociedade e desconstrói através da literatura diversas concepções patriarcais. Contribui com a literatura feminina, pois escreve e descreve a mulher a partir de visões de uma mulher. Na obra em estudo, a personagem principal, após sofrer durante muito tempo divorcia-se, influenciada também pela mulher que a escreve a começar uma reflexão sobre sua condição que era de mulher submissa. A mulher que a escreve tenta abrir os olhos da protagonista para a realidade do tempo que ela está inserida, e de como as mulheres estão conquistando vários espaços na sociedade. Essa reflexão se dá em constante confronto com o passado e o presente. “As lembranças do passado se chocam com o eu interior do presente, desse choque desperta sensações angustiantes” (DANTAS, 2012, p. 7). A fundação identitária da protagonista ocorre numa proporção não linear. Em *Mulher no espelho*, a identidade da protagonista desenvolve-se em numerosas determinações. Uma mulher livre que se sente importuna, entretanto luta por se transformar na mulher que mora em seus pensamentos entorpecidos. O presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente o romance *Mulher no Espelho* de Helena Parente Cunha, escritora baiana, em 1980. A autora tem uma capacidade incrível de quebrar paradigmas e em meio a uma crise política que estava afetando todo o país, lança um livro revolucionário, que desconstrói e ressignifica diversos conceitos com relação ao papel da mulher na sociedade. Buscamos demonstrar o quanto a obra é riquíssima em todos os seus aspectos, mas principalmente no sentido de contribuir com a qualificação do leitor, pois proporciona uma leitura diferenciada sem a sequência padrão de organização de uma narrativa, pois não segue uma ordem cronológica. Uma narrativa envolvente que expõe os diversos eus superficiais, que estão enraizados, devido às imposições sofridas culturalmente ao longo dos anos, impregnados na mulher do espelho que é aquela que se vê, mas não se conhece, então ela pode ser tudo aquilo que a imaginação permitir criar.

Palavras chave: Identidade, Empoderamento, Mulher, Literatura, Tradicionalismo, Conceitos.



Insubmissas lágrimas de mulheres de Conceição Evaristo: o estupro corretivo e a voz que não quer calar

Leandro Passos (Doutor / IFMS Campus Três Lagoas); Luana Passos (Mestre / NUPE/UNESP-IBILCE)

Insubmissas lágrimas de mulheres de Conceição Evaristo, composta por 13 contos, têm, como protagonistas das histórias, as mulheres negras que explicitam suas dores, seus anseios, seus temores; entretanto, antes de tudo, revelam forte capacidade de se retirarem do lugar de sofrimento, de angústia, e inventarem modos de resistência a que estavam submetidas. A poética fusão entre as personagens, a voz ficcional de quem apresenta essas personagens e Conceição Evaristo marca o processo estético destes textos e afirma o projeto literário da escritora. O conto “Isaltina Campo Belo” escolhido para esta comunicação oral narra a história da personagem que, desde pequena, acreditava ser menino e que se descobriu menina após ir ao médico e após a chegada da primeira menstruação. Já adulta, formada em enfermagem, e com sua sexualidade ainda em autoquestionamento, Isaltina envolve-se, sem sexo, sem relações sexuais, apesar das insistências do namorado, com um homem que a embriaga e a estupra, juntamente com mais outros quatro homens. Neste conto, está presente o estupro não só coletivo, mas também corretivo. Tendo em vista que a homossexualidade é considerada uma anomalia para pessoas com concepções religiosas ou machistas, estas concepções podem levá-las a praticarem crimes, uma vez que há uma grande disseminação de ódio. Ao cometerem o crime de estupro com a intenção de “curar” e/ou “corrigir” as orientações sexuais das mulheres lésbicas, bissexuais ou transexuais (LBT), em tentativa para que elas se tornem heterossexuais, estas pessoas estão praticando o que é denominado de estupro corretivo (SIQUEIRA SILVA, 2017). Pretende-se, nesta comunicação oral, refletir de que modo o conto de Evaristo discute tais questões que, ainda, são constantes no Brasil e em outros países. Para tanto, serão levadas em consideração os estudos de Butler (2005 e 2016), no que dizem respeito aos problemas de gênero e aos corpos que ainda importam.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, conto, estupro corretivo.

Deixei ele lá e vim: a encenação autobiográfica de uma vida encenada como ato de resistência

Leocádia Aparecida Chaves (Doutoranda / UnB)

Discutiremos, neste artigo, em que medida a arquitetura discursiva da obra Deixei ele lá e vim de Elvira Vigna (2006) se constitui como estratégia garantidora de espaço de fala (SPIVAK, 2010) para “Shirley Marlone” uma mulher, possivelmente, transgênera (JESUS, 2010) e que por isso sofre toda espécie de violência numa sociedade padronizada como cisgênera. Vigna, portanto, na instância da autoria, decide subverter a norma por meio dessa personagem, que de marginal assume o protagonismo na estrutura narrativa da obra bem como na sua própria escrita. Uma arquitetura, portanto, que encena o gesto autobiográfico, e neste movimento permite que enunciados e enunciação elaborados revelem uma personagem que se constrói na potência discursiva,

pois irá dizer, “por si mesma”, as dores e angústias de um corpo, de uma identidade sistematicamente expurgados de todos os espaços de poder: do íntimo ao público. Trata-se, portanto, de um corpo, de uma vida, de uma identidade que apesar da deriva social assume subversivamente a voz-palavra neste poderoso campo de poder, o literário. Assim, como escrita autobiográfica encenada, no ato da narrativa, o leitor é conduzido a reconhecer por meio do gesto criador da personagem o seu processo de (des) figuração e autorrestauração identitária (DE MAN,1984), que faz revelar os seus múltiplos desconfortos numa sociedade que estigmatiza o divergente (GOFFMAN,1988). O leitor, portanto, se deparará com uma voz que garante “irá vomitar tudo que há engasgado” revelando tanto os processos de subalternização a que é submetida cotidianamente quanto a sua subversão, movimento esse que lhe permitirá resistir: um gesto de/para sobrevivência.

Palavras-chave: Feminismo; Identidade de gênero; Autobiografia encenada; Espaço de fala; Resistência.

Literatura e feminismo: diálogos entre a crítica e a lírica contemporânea

Mariana Souza Paim (doutoranda / UFBA/ SEC)

O presente trabalho tem como objetivo pensar a produção contemporânea de poesia escrita por mulheres a partir do referencial teórico feminista, buscando estabelecer um diálogo em meio a essas textualidades. Desse modo, iremos traçar um panorama das atuais publicações de poesia escrita por mulheres, dentre elas: Carla Diacov, Angélica Freitas, Lívia Natália, Conceição Evaristo, Jarid Arraes e Virginia Guitzel, analisando como as questões relacionadas as dimensões da sexualidade, gênero, raça, corporalidade e classe são situadas em meio a suas produções, investigando também a possibilidade de estabelecer a partir delas uma relação com os discursos/práticas do feminismo, refletindo assim sobre a presença de uma poética feminista em meio a essas produções. Aqui buscaremos pensar a crítica feminista contextualmente, recuperando sua trajetória e estabelecimento em meio a crítica literária, bem como tomando os conceitos com os quais trabalharemos levando em conta a sua historicidade, transcendendo assim noções estáticas e qualquer concepção que naturalize traços culturais enquanto pertencentes a uma pretensa natureza feminina.

Palavras-chave: Feminismo; Poesia contemporânea; Crítica literária.

"Tradução comentada: a violência contra meninas no ensaio *On tue les petites filles* (1978), de Leïla Sebbar"

Marina Donato Scardoelli (Mestranda / UNESP/IBILCE)

Com o objetivo de incentivar a discussão sobre a violência contra a mulher, este trabalho propõe a tradução parcial comentada do ensaio intitulado *On tue les petites filles* (1978), uma obra da argelina Leïla Sebbar. A bibliografia da escritora é vasta, com temas que remetem ao universo feminino, questões de identidade, imigração e exílio. O ensaio que nos propomos a traduzir traz relatos de violência contra meninas menores de quinze anos, como maus tratos, assassinato, incesto, pedofilia e estupro, nos anos de 1967 a 1977 na França. Nosso propósito é apresentar uma tradução com escolhas e,

principalmente, comentários ideologicamente marcados, uma vez que a impossibilidade de neutralidade da linguagem já aponta para uma forma ou algumas formas de ideologia que são, inevitavelmente, condicionadas pela subjetividade que nos constitui. Ao longo do texto, pretendemos discutir, por meio das notas do tradutor e de outros elementos paratextuais, questões culturais, históricas, linguísticas e ideológicas que se mostrem relevantes no contexto da obra e também significantes para o processo tradutório (SARDIN, 2007; ZAVAGLIA et al., 2015). Para a realização desta pesquisa, também nos apoiamos nas teorias pós-modernas de tradução que levam em conta a desconstrução derridiana do signo (ARROJO, 1986; RODRIGUES, 2000) e, ainda, as considerações sobre gênero de Judith Butler.

Palavras-chave: tradução comentada; feminismo; tradução feminista; notas do tradutor; Leïla Sebbar.

O corpo é meu! O estereótipo que está no imaginário: como o corpo do negro homossexual foi representado na música “Bixa preta”

Vânia Lúcia Borges (Graduanda em Letras/UNEB)

Este ensaio busca compreender as manobras feitas pelas mídias sobre o que é ser masculino e o que é ser feminino, mostrando a construção da imagem do homem negro construída historicamente por uma sociedade branca, como ele é representado nas obras ficcionais e em contraponto, como o negro homossexual foi representado na música “bixa preta” (2017) da cantora transgênero Linn da Quebrada, estabelecendo um diálogo de reflexão entre a letra da música e sobre como é representado o negro no imaginário das pessoas de acordo com alguns teóricos como: Frantz Fanon (2008), Stuart Hall (2006) e Anailde Almeida (2010). Assim, buscar compreender através da música que será analisada, atitudes expressivas de afirmação da sua orientação sexual e colocando em debate questões relevantes sobre gênero, preferência sexual, classe e raça.

Palavras-chave: Silenciamento. Imagem do negro. Negro homossexual. Música bixa preta.